
A GRIPE PNEUMÓNICA DE 1918 E O DESPORTO EM PORTUGAL: QUE RELAÇÃO?

PEDRO S. AMORIM

INVESTIGADOR HISTÓRICO, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO
DO SPORT LISBOA E BENFICA



**PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA**

A GRIPE PNEUMÓNICA DE 1918 E O DESPORTO EM PORTUGAL: QUE RELAÇÃO?

PEDRO S. AMORIM

INVESTIGADOR HISTÓRICO, CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO DO SPORT LISBOA E BENFICA

Dado o atual contexto da nossa sociedade, inédito em qualquer momento da nossa democracia e em período de pós-guerra, este tempo pode provocar algum receio, pela novidade e por não estarmos preparados.

Por isso, recordamos aqui a gripe pneumónica, bastante mencionada nos últimos tempos, por razões que todos entendemos, obedecendo a uma regra importante da mnemónica que apela ao papel da história e da memória coletiva, buscando uma saída. E que papel teve o desporto e o Benfica nessa saída?

Citar este paper:

AMORIM, Pedro S., *A gripe pneumónica de 1918 e o desporto em Portugal: que relação?*, [Lisboa], Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021. Disponível em <https://media.slbenfica.pt/-/media/BenficaDP/Images/museu/ficaemcasa/Pneumonica>.

© Direção de Património Cultural do Sport Lisboa e Benfica, 2021

A CONJUNTURA NACIONAL

Foi há um século que esta pandemia propagou a morte e a miséria pelo mundo. Só na Península Ibérica sucumbiram cerca de 350 mil pessoas durante as três vagas que se registaram em maio de 1918, outubro de 1918 e maio de 1919.

A sua chegada expôs as debilidades do país: a instabilidade política da Primeira República e a grande mobilização para enviar reforços materiais e humanos para a I Guerra Mundial – que até ao fim do ano deixou um vasto rasto de perdas humanas.

A miséria da população era outra realidade portuguesa. Em 1918, as condições socio-higiénicas da maior parte da população mundial estavam muito longe de ser o que são hoje. Antes da pneumónica, no início do ano, registou-se uma crise de tifo – chamado exantemático – na cidade do Porto.

A cidade do Norte já havia sofrido uma grande praga de tifo em 1899, ano que coincidiu com a criação do Instituto Central de Higiene. Procurava-se o estudo da higiene pública e da salubridade e a vigilância epidemiológica para, de certa forma, preparar as autoridades de saúde de Portugal.

Soava um sonoro alarme pela importância da higiene básica. Na frente de batalha, na Flandres, os médicos portugueses estavam preocupados quanto aos métodos a desenvolver de modo a prevenir a extensão de doenças infetocontagiosas.

A insalubridade das duas principais cidades de Portugal fez disparar alertas em torno da imprensa às vésperas da pneumónica. Ao Porto foi indiciada a culpa de ter “falta de asseio”¹, cuja sujidade foi causa principal na propagação das epidemias. Profetizava-se que a cidade de Lisboa seguia a mesma senda porque “não se acautela”². Nos periódicos da época, eram frequentes as denúncias por falta de condições sanitárias.

No entanto, só no final de maio se encontram notícias relativamente à “epidemia reinante em Madrid”³ quando, na verdade, ela já se encontrava em território português. Apenas duas semanas depois, encontra-se notícias quanto à presença da doença em Lisboa, onde “a maioria dos numerosos casos que se registam são benignos e de breve duração, mesmo nos casos em que a febre alcança elevado

¹ *A Capital*, n.º 2738 (7 abril 1918), p. 1.

² *A Capital*, n.º 2738 (7 abril 1918), p. 1.

³ *A Capital*, n.º 2791 (30 maio 1918), p. 2.



A Capital, n.º 2823 (1 julho 1918), p. 3. Hemeroteca Municipal de Lisboa

grau"⁴, ressaltando o caráter benigno que a primeira vaga (maio-junho de 1918) assumiu.

A carestia reinava em todos os sectores. Faltavam médicos, havia poucas farmácias e os medicamentos rareavam de dia para dia. A propagação da doença bateu recordes, facilitada pela grande mobilidade que se registava na época, tornada possível pelo desenvolvimento dos caminhos-de-ferro e da navegação e pela movimentação das tropas para a Grande Guerra.



A Capital, n.º 2774 (13 maio 1918), p. 2. Hemeroteca Municipal de Lisboa

A instabilidade política, atrás sublinhada, foi acompanhada por contínuas manifestações contra o governo. Ao longo de 1918, registaram-se numerosas greves: académicas, de empregados do comércio, da metalurgia, ferroviários, tanoeiros; em maio de 1919, houve uma greve dos elétricos que afetou a realização de jogos de futebol em Lisboa.

As constantes faltas de combustível criaram problemas na indústria. A consequente falta de energia elétrica afetou a impressão e distribuição regular do jornal *O Sport de Lisboa*.

Em abril de 1918, na alimentação dos lisboetas começou a ser notória a falta de pão, batata e arroz. Em julho, a carne e o leite atingiam preços proibitivos, enquanto as cebolas eram o produto com mais excedente no mercado português.



A Capital, n.º 2774 (13 maio 1918), p. 2. Hemeroteca Municipal de Lisboa

A publicidade exposta na imprensa refletia as preocupações da sociedade em prevenir a propagação do surto da gripe pneumónica.

⁴A Capital, n.º 2804 (12 junho 1918), p. 2.

ECOS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL E DAS AUTORIDADES SANITÁRIAS

A imprensa é uma das principais ferramentas de investigação para este período. Muito embora tenha vindo a dar destaque aos acontecimentos internacionais da Grande Guerra, não deixou nunca de criticar a falta de notificações por parte das autoridades sanitárias, comentando que “os sábios que redigem o boletim [de saúde] nada dizem. O silêncio é de ouro...”⁵.

É sabido que a censura era um facto. Através do silêncio sobre a gravidade da pandemia, as autoridades procuravam atenuar os receios da população e, da mesma forma que o fizeram através da imprensa, fizeram-no com a proibição de se dobrarem os sinos pelos finados.

Mas há também que ver o outro lado do muro. A imprensa reconhecia o carácter terrífico da doença, mas acabava por relativizar, dado o contexto de outras epidemias contemporâneas tais como a malária, o tifo, a tuberculose, a difteria, a varíola... Os jornais sublinhavam que a pior “epidemia chama-se miséria”⁶ e criticavam as autoridades sanitárias por falta de ação junto da população mais pobre, financeira e, consequentemente, higienicamente.

No entanto, face à mortandade que se registava, a pandemia provocou um fenómeno de pânico coletivo. Não é totalmente claro o seu acontecimento, mas, durante o pico da gripe no outono, os jornais deixavam um aviso público para que se denunciassem e notificassem quaisquer tentativas de açambarcamento.

Ricardo Jorge, diretor da Direção Geral de Saúde, aconselhava:

“Não fica mal deixar de visitar enfermos, apesar de ser obra de misericórdia; e também não fica mal, antes ficaria muito bem, acabar com os cumprimentos de uso, apertos de mãos e ósculos de cerimónia [beijos], gestos que repugnam à higiene (...). As reverências chegam, bem mais inerentes do que os toques suspeitos do próximo, e logo coisas tão polutas como beijos e dedos”.⁷

Os asilos, as oficinas, as fábricas, as grandes casas comerciais e, sobretudo, os teatros foram os principais focos da pneumónica em Lisboa. O Teatro da Trindade foi um dos primeiros pontos de maior

⁵ *A Capital*, n.º 3114 (9 maio 1919), p. 2.

⁶ *A Capital*, n.º 2933 (20 outubro 1918), p. 1.

⁷ Ricardo Jorge, cujas palavras foram encontradas em *A Fernando Rosas, História a História*, episódio “Gripe Pneumónica, a pandemia de 1918-1919”, programa exibido na RTP2 em 2015, visualizado em <https://ensina.rtp.pt/artigo/gripe-pneumonica-pandemia-1918-1919/>, em 25 de março de 2020. Esta passagem encontra-se num dossiê entregue pelo próprio Ricardo Jorge ao presidente Sidónio Pais em período epidemiológico, e encontra-se no arquivo do presidente. Cf. Armando Malheiro da Silva, *Sidónio e Sidonismo*, vol. 2 – *História de um Caso Político*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006, p. 311, nota 847.

contágio, surgindo entre os atores um ditado que sentenciava que “quando um artista se levanta da cama, cai outro ou para lá se enca-minha”⁸.

Assim, encerraram-se teatros, escolas, universidades, o parlamento. Proibiram-se feiras e peregrinações. Fecharam-se, embora não na totalidade, cafés, cinemas, igrejas, transportes e serviços públicos, fábricas, armazéns e mercados. Não foram medidas exclusivas a Portugal, também em Espanha, no Brasil e nos Estados Unidos da América se encontram casos idênticos.

O diretor da DGS, no entanto, estava convicto que a medida mais eficaz para o controlo da propagação epidémica não passava pelo isolamento social, pelo contrário, devia-se prosseguir a vida social “em todas as suas modalidades, incluindo as distrações, para não aumentar o isolamento e o pânico”⁹. Devia procurar-se, no entanto, evitar “a permanência em lugares fechados onde haja aglomerações”¹⁰.

E, enquanto a sobrevivência se tornava uma incerteza por não se saber se a guerra terminaria, pela contínua escassez alimentícia e de recursos humanos para os trabalhos de produção, e mesmo quando a pneumónica voltou com superiores efeitos em outubro de 1918, o desporto nacional continuava.

⁸ *A Capital*, n.º 2809 (17 junho 1918), p. 1.

⁹ José Manuel Sobral e Maria Luísa Lima, “A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico”. *Ler História*, n.º 73, 2018, parágrafo 31. Consultado online em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/4036?lang=es>, em 23 de março de 2020.

¹⁰ Maria Antónia Pires de Almeida, *Saúde Pública e Higiene na Imprensa Diária*, Lisboa, Edições Colibri, 2013, p. 165.

O DESPORTO COMO REAÇÃO À PANDEMIA

Não admira que o desporto não tivesse perdido o público, quando se sugeria que se devia evitar o acesso apenas em locais fechados com grandes aglomerações. O futebol disputava-se ao ar livre. Enquanto no Brasil se cancelou e se adiou para o ano seguinte a 3.^a edição da Copa América – o maior acontecimento futebolístico da América do Sul – e em Barcelona se chegou a adiar jogos, em Portugal o Benfica e o Sporting CP recebiam o Sevilha FC:

“Concorreram para levar ao magnífico campo do Sporting uma multidão bastante numerosa e assás distinta, vendo-se, nos camarotes e nas bancadas, muitas senhoras a anima-la com a nota alacre dos seus dotes de formosura e dos seus alvos trajas garridos”.¹¹

Um Concurso Nacional de Tiro foi adiado para data indeterminada, enquanto que um torneio de esgrima esteve em dúvidas de realização:

“Por motivos de força maior a que não é estranha a actual epidemia que reina tanto em Lisboa como em Hespanha, ficam adiados os grandes torneios de esgrima do Estoril [...] Com este adiamento forçado, nada perdem de interesse estas provas que se realizarão logo que as circunstancias o permitam”.¹²

Realizou-se, mesmo assim, no final de outubro. Foi considerada uma prova fraca, com pouca assistência e em que alguns dos participantes inscritos não compareceram.

Esta epidemia teve uma distinção das outras do mesmo estilo, pois atacou sobretudo as camadas mais jovens. Uma das justificações terá sido o facto de os que nasceram antes de 1899 terem tido contacto com a última grande epidemia que devastara o país, adquirindo defesas. Não houve exceção no mundo. Nos Estados Unidos, por exemplo, um cirurgião relatou que o número de cadáveres que exibiam um bem constituído e saudável porte físico mostravam bem o horror e o desconcerto da doença. Alfred Corsby pretendeu realçar que a condição física dos atletas pode não ter sido impeditiva de um desenvolvimento da gripe.

Por outro lado, é necessário destacar outro panorama: a higiene. As condições de higienização do grosso da população eram bastante infelizes. No desporto, a percepção era outra da do resto da sociedade: a prática da higiene. É necessário salientar-se que os *sportsmen* mantinham uma higiene corporal bastante regular e acima da média, cultivando, inclusive, a sua disseminação e fazendo disso uma marca, o que era assaz frequente nas suas constantes tentativas de definir o conceito de *sportsman*. Assim, a higienização, tão apelada tanto pelo desporto como pela imprensa, poderá ter sido uma arma potente contra a propagação da doença, nomeadamente junto dos atletas.

¹¹ *O Sport de Lisboa*, n.º 248 (8 junho 1918), p. 1. O mesmo tipo de observações fez *A Capital*, n.º 2802 (10 junho 1918), p. 3.

¹² *A Capital*, n.º 2935 (22 outubro 1918), p. 2.

O PAPEL SOCIOLÓGICO DO BENFICA

A imprensa e o desporto estavam sensibilizados com o papel dos soldados portugueses. Por esse motivo, organizaram-se alguns eventos desportivos para lhes render homenagem.

O Benfica, por exemplo, organizou uma competição de atletismo, em junho de 1918, que registou a falta de bastantes concorrentes, alguns devido à pneumónica. Também promoveu aulas de ginástica sueca para crianças de ambos os sexos.

O clube "encarnado" tinha Bento Mântua na presidência de uma direcção que mostrou "orientação e critério"¹³. As suas finanças cresciam, o que permitia a realização de festivais desportivos na sua sede da Avenida Gomes Pereira.

Desportos Atleticos

O CAMPEONATO ORGANISADO

PELO

Sport L. Bemfica

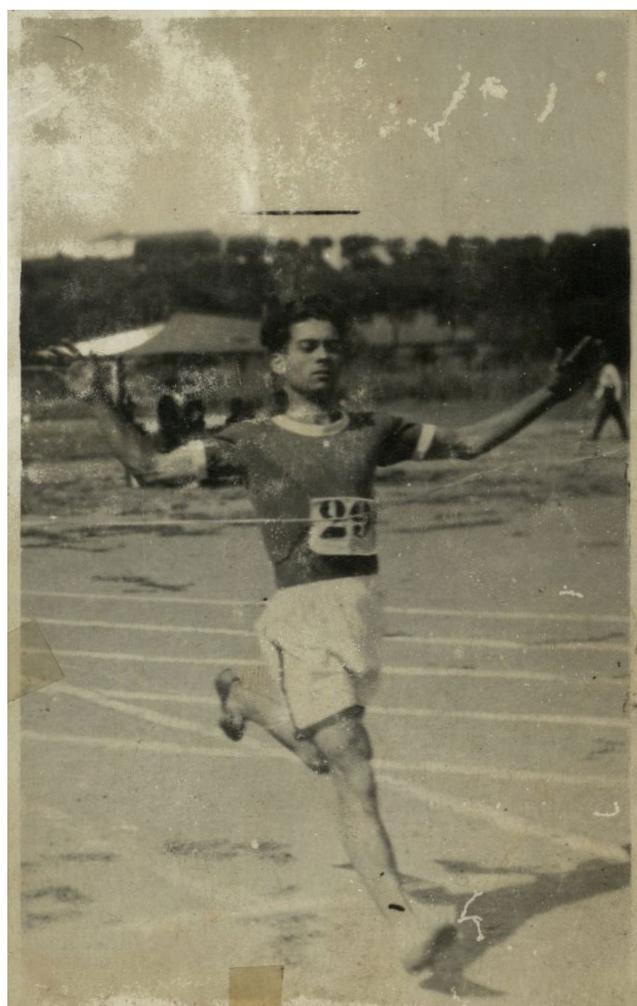
Conforme estava anunciado iniciou-se, no passado domingo, este campeonato, organizado pelo Sport Lisboa e Bemfica e ao qual apenas concorreram, além do club organisador, o Ginasio, o Internacional e o Cruz Quebrada.

Faltaram bastantes concorrentes, uns devido á doença hespanhola, como lhe chamam, e outros porque não estiveram para se incomodar, o que é bastante para lamentar entre homens de desporto.

A iniciativa arrojada da Direcção do S. L. B. merecia bem que tivesse sido melhor coadjuvada por todos os clubs; não o foi, não sabemos porquê. Homens aptos a poderem concorrer a taes provas, estamos convencidos que os ha nos outros clubs; portanto, repetimos, não percebemos a razão da sua falta a estas provas, que foram organisadas para animar o meio desportivo e não para outra coisa.

Ao campeonato de atletismo que o Benfica organizou faltaram alguns atletas, por estarem infetados com a gripe pneumónica.

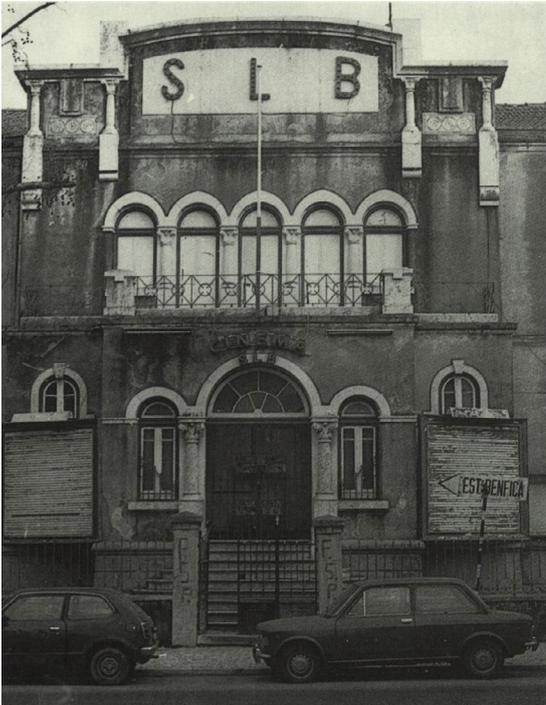
O *Sport de Lisboa*, n.º 251 (19 junho 1918), p. 2. Acervo SLB



Feliciano Gonçalves venceu a corrida dos 5000m, na prova de atletismo organizada pelo Benfica em 1918.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

¹³ A *Capital*, n.º 2813 (21 junho 1918), p. 3.



Edifício na Avenida Gomes Pereira, n.º 17, sede do Sport Lisboa e Benfica entre 1916 e 1981.

Fotografia de Roland Oliveira, retirada de *Benfica: 90 anos de glória*, p. 157. Acervo SLB



Bento Mântua esteve nove anos à frente do Clube (1917-1926). Forte dinamizador e divulgador do desporto, orientou o Benfica sob um signo de crescimento financeiro e desportivo.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

Este facto é bastante importante, pois ressalva o papel social e benemérito que o Clube assumiu neste período de instabilidade. Em benefício dos mutilados da guerra, o Benfica organizou um campeonato de patinagem e de hóquei em patins e ao mesmo tempo apoiou incondicionalmente a organização da Taça Mutilados da Guerra, que o jornal *A Capital* levou avante.

Na mesma linha, em julho, promoveu um campeonato de esgrima, enquanto que o jornal *O Sport de Lisboa* iniciou uma campanha visando enviar material desportivo aos soldados portugueses.

Entretanto, realizavam-se peditórios em benefício dos pobres afetados pela pneumónica, em todo o país. Em Lisboa, a imprensa salientava a constante "insistência na realização de várias festas de sport, cujo produto será destinado às vítimas da atual pandemia"¹⁴.

Neste período, a Associação de Futebol de Lisboa (AFL) atravessava uma crise interna, e coube aos clubes assumirem a organização dos campeonatos. O Império Lisboa Clube organizou a Taça Portugal, também conhecida como Taça Império, sendo reconhecida como a primeira prova da época de 1918/19. A primeira partida desta competição foi entre o organizador e o Benfica, oferecendo-se entradas gratuitas para quem quisesse assistir.

Que conclusões tiramos destas reflexões históricas? Como relacionar o desporto com este episódio histórico?

Vemos que o futebol, sobretudo, nunca deixou de estar ativo, atuando como uma ferramenta de encorajamento, assumindo um papel fundamental para a sociedade, na procura e na oferta de uma estabilidade que o mundo procurava encontrar. De facto, não parece ter havido uma incidência particularmente grande da doença sobre o futebol, que reagiu contra o inimigo.

Os problemas com que a modalidade se deparou no tempo da gripe pneumónica terão sido despoletados pela conjuntura de crise em que o país (e a AFL) se encontrava mergulhado.

Um ano depois, a História continuou o seu percurso. A vida restabeleceu-se, voltando ao normal. Um capítulo negro terminara. O espetáculo desportivo do futebol esteve lá, atuando como esperança de recobro da normalidade, recordando à sociedade de que ganhar, perder e recuperar faz parte do percurso do ser humano.

¹⁴ *A Capital*, n.º 2940 (27 outubro 1918), p. 2.

Em favor das victimas da epidemia

O antigo e conhecido Club dos Makavenkos dirigiu uma circular aos seus amigos, pedindo-lhes uma esmola para as victimas pobres da epidemia.

Todos os donativos podem ser enviados para a sede dos Makavenkos, rua dos Condes, theatro da Rua dos Condes, das 7 ás 22 horas, ou para a Abbadis, Avenida da Liberdade, 38; Leitão & Vaquinhas, Carlos Vencas, Cses da Santarem, 32, 1.º, esquerdo, ou para os Armazens Grandella, das 10 ás 18 horas.

TAVIRA, 25.—Quasi toda a gente está doente e faltam subsistencias. Não ha assucar, nem arroz, nem legumes, nem marmelada, nem ovos. O peixe é vendido pelo dobro e o triplo do seu preço em tempos normaes; a carne tambem augmentou. Faltam ainda muitos outros generos de primeira necessidade, ou antes, ha quem os tenha, mas só os vendem por altos preços. Morreram este mez mais 100 pessoas na cidade e nas freguezias 70.

Principiou já a funcionar o novo cemiterio municipal.

Parece, todavia, que a Associação continua preocupando-se apenas com a falta de directores...»

Subscrição para os prisioneiros de guerra

Aberta pelo Sport de Lisboa

Continuam a afluír á redacção do «Sport de Lisboa» donativos para a subscrição aberta por este semanario que já está em 227\$440, para a compra de artigos de «foot-ball» destinados aos nossos soldados prisioneiros na Allemanha.

Noticias diversas

Encontra-se em via de restabelecimento d'uma grande doença o professor de jogo de pau sr. Jorge de Sousa, ficando comtudo impedido de exercer o seu logar no Atheneu Commercial de Lisboa.

—Fala-se com insistencia na realização de varias festas de sport, cujo producto será destinado ás victimas da actual epidemia.

—Encontra-se já restabelecido o conhecido gymnasta sr. Francisco França.

—Não estão ainda marcadas as

A par da doença, também a Grande Guerra estava na ordem do dia. Em plena crise epidemiológica, são várias as notícias que revelam a condição do país.

A Capital, n.º 2940 (27 outubro 1918), p. 2.



Plantel de hóquei em patins do Benfica em 1918/19. Destacam-se as braçadeiras pretas, envergadas por todos. A dúvida fica por esclarecer: se foi em homenagem às vítimas da gripe pneumónica ou aos mutilados da guerra.

Fotografia de autor desconhecido. Acervo SLB

FONTES E BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

Diário do Governo, nº 218 da série I de 1918 (7 de outubro). Decreto nº 4872, p. 1755, <https://dre.pt/application/conteudo/177274>, consultado em 2 de abril de 2020.

FONTES AUDIOVISUAIS

ROSAS, Fernando, *História a História*, episódio "Gripe Pneumónica, a pandemia de 1918-1919", RTP/ Garden Filmes, 2015. Disponível em <https://ensina.rtp.pt/artigo/gripe-pneumonica-pandemia-1918-1919/>, consultado em 25 de março de 2020.

FONTES DIGITAIS

BOSCH, Xavier, "Así sobrevivió el Barça a la terrible gripe española". *Mundo Deportivo*, 2020. Disponível em <https://www.mundodeportivo.com/futbol/fcbarcelona/20200327/48106850027/barca-gripe-espanola-1918.html>, consultado em 1 de abril de 2020.

PERIÓDICOS

A Bola
A Capital
O Sport de Lisboa

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Maria Antónia Pires de, *Saúde Pública e Higiene na Imprensa Diária*, Lisboa, Edições Colibri, 2013.

ARAÚJO, Júlio de, *Meio Século de Futebol. Subsídios para a História do futebol em Portugal*, [s.l.], [s.n.], 1938.

CORSBY, Alfred W., *American's Forgotten Pandemic – The Influenza of 1918*, Cambridge, Cambridge University Press, Second Edition, 2003.

OLIVEIRA, Mário Fernando de, e SILVA, Carlos Rebelo da, *História do Sport Lisboa e Benfica, 1904-1954*, vol. I, Lisboa, [s.n.], 1954.

PEREIRA, Ricardo Costa, *O futebol portuense na Primeira República Portuguesa (1910-1926)*, dissertação de mestrado em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/80577/2/36597.pdf>, consultado em 23 de março de 2020.

SANDER, Roberto, *Sul-Americano de 1919: quando o Brasil descobriu o futebol*, Grajaú, Rio de Janeiro, Maquinária Editora, 2009.

SEQUEIRA, Álvaro, "A Pneumónica". *Medicina Interna*, vol. 8, nº 1, 2001. Disponível em https://www.spmi.pt/revista/vol08/ch7_v8n1jan2001.pdf, consultado em 1 de abril de 2020.

SILVA, Armando Malheiro da, Sidónio e Sidonismo, vol. 2 – *História de um Caso Político*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2006.

SOBRAL, José Manuel e LIMA, Maria Luísa, "A epidemia da pneumónica em Portugal no seu tempo histórico". *Ler História*, nº 73, 2018. Disponível em <https://journals.openedition.org/lerhistoria/4036?lang=es>, consultado em 23 de março de 2020.

SOBRAL, José Manuel, LIMA, Maria Luísa e SOUSA, Paulo Silveira e, "And To Make Things Worse, The Flu – the Spanish Influenza in a Revolutionary Portugal". Edição de PORRAS GALLO, María Isabel e DAVÍS, Ryan A., *The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919: Perspectives from the Iberian Peninsula and the Americas*, Rochester, University of Rochester Press, 2014.

TRINDADE, Luís, "A imagem do sportsman e o espectáculo desportivo". Coordenação de NEVES, José, e DOMINGUES, Nuno, *Uma História do Desporto em Portugal*, vol. I – Corpo, Espaços e Média, Lisboa, QuidNovi, 2011.



**PATRIMÓNIO
CULTURAL
BENFICA**